Ano 2, n. 4, 2009
Seção Colunas
20/07/2009

Basta ler o resumo?

Gustavo Bernardo

Gustavo Bernardo é Doutor em Literatura Comparada, Professor Associado de Teoria da Literatura no Instituto de Letras da UERJ e pesquisador do CNPq. Publicou doze ensaios, entre eles “A Educação pelo Argumento” e “O Livro da Metaficção”, e onze romances, entre eles “A filha do escritor” e “Nanook”. Publicou, pela editora Rocco, o livro “Conversas com um professor de literatura”, contendo 50 crônicas desta Revista Eletrônica do Vestibular da UERJ. Seu ensaio “A ficção de Deus”, publicado pela Annablume, acaba de receber o Prêmio da Biblioteca Nacional para o Melhor Ensaio Literário de 2015. Edita o site www.gustavobernardo.com, sobre as suas obras.

Resumir é uma maneira muito eficiente de estudar. Ao resumir um texto referencial, o leitor percebe melhor os objetivos, a estrutura e os argumentos. Ao resumir um texto ficcional, o leitor percebe melhor o contexto, a ambiguidade, enfim, as metáforas. Em ambos os casos, o leitor aprende pelo exemplo, logo, se torna um pouco mais capacitado a escrever ele mesmo um bom texto referencial e mesmo um bom texto de ficção.

O resumo, para usar expressão da moda tecnológica, é uma espécie de engenharia reversa: o autor do resumo, ao buscar destacar os elementos principais, revela os alicerces e as colunas que sustentam o texto, como se pusesse a si mesmo no lugar do autor do texto imediatamente antes que ele o escrevesse, ou seja, no momento em que ele ainda o estava pensando e planejando. Nesse sentido, resumir é um excelente exercício de compreensão.

Entretanto, quem fez a pergunta-título desta coluna não queria exatamente essa resposta. Na verdade, ele queria saber: basta ler o resumo do capítulo do livro de História para responder às questões da prova? Ou: basta ler o resumo do romance para dar conta da prova de Literatura?

A resposta deve ser categórica: não!

Fazer resumos é muito bom, ler apenas resumos é muito ruim. Porque, naquelas duas situações, se a resposta for positiva, as provas terão sido muito mal feitas. Isso significa que, frente a uma prova mais bem feita, por exemplo de um concurso, o conhecimento obtido através da leitura apressada de resumos alheios ou não será suficiente, ou será até mesmo contraproducente.

Esse é o efeito escolar. O efeito na vida do sujeito, porém, pode ser bem pior.

Em termos morais, o estudante aprende a fingir que estudou, ou seja, a fingir que leu o texto que de fato não leu depois, não é difícil se tornar um professor que não lê os livros que indica para os seus alunos, um médico que não entende as técnicas e os remédios de que se utiliza, um político que não cumpre as promessas que faz.

Em termos intelectuais, o estudante aprende a não confiar nem no seu esforço nem no seu raciocínio, tornando-se dependente de que outros, na Internet ou na mesa ao lado, sempre expliquem, bem explicadinhas e resumidinhas, as coisas para ele. Ainda que ostente a máscara cínica do esperto, no fundo não tem confiança em si mesmo, ou seja: sabe que ele mesmo é uma pessoa, digamos, um pouco limitada.

Que mico, não é mesmo?

Infelizmente, o mico não é só dele. Como vimos, as tais avaliações que se resolvem tão-somente com a leitura de resumos estimulam esse tipo de mentalidade esperta, ao mesmo tempo em que baixam drasticamente o nível de inteligência dos alunos.

Na verdade, a pergunta dessa crônica deveria deixar constrangido não somente quem a formula em voz alta, mas também todo responsável direto e indireto pela educação no Brasil. A sociedade se torna corresponsável pelos professores que preparam mal seus alunos, na medida em que os prepara e os remunera tão mal quanto.

Até porque o problema não reside apenas na escola. A escola atende à sociedade à que serve, tanto para o bem quanto para o mal. A obsessão por resumos facilitadores começou do lado de fora dos muros escolares, no crescimento do que podemos chamar ou de mentalidade reader's digest ou de pedagogia fahrenheit.

A primeira expressão se inspira na popular revista norte-americana que resume livros inteiros para um público alimentado a □fast food□ e □fast thinking□. A segunda expressão se inspira no romance □Fahrenheit 451□, de Ray Bradbury.

Explicarei as duas expressões na próxima crônica, que tratará de outro problema afim ao dos resumos, o das □adaptações literárias para jovens□. Considero tais adaptações um crime de lesa-literatura, isto é, um crime contra os corações e as mentes de gerações inteiras.

Para conhecer meus argumentos, leiam a próxima crônica...